

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE GRUPANÁLISE E SUAS POTENCIALIDADES

Eugénio Minotti da Cruz Filipe

Médico psiquiatra, grupalista

Membro didacta e vice-presidente da Sociedade Portuguesa de Grupanálise

RESUMO

É feito um estudo relacional e comparativo entre o *contratransfert* e o narcisismo, com o processo grupalítico com os clientes e com outros terapeutas.

Fala-se depois em alguns segmentos axiais da grupanálise e apresenta-se um quadro do equilíbrio – projecto harmónico construtivo e criativo de mudança (E. C. Filipe).

PALAVRAS-CHAVE

Contratransferência, narcisismo, padrão, projecto harmónico construtivo e criativo de mudança.

PARTE I

FREUD, em 1937, escrevia: “Parece-me, quase, que analisar é uma profissão impossível na qual se pode, no cômputo geral, estar-se certo de um sucesso insuficiente (educar e governar).” Deste modo, tentava securizar o futuro terapeuta com a sua usual e sincera simpatia, pesando, assim, os pedidos DENSOS e COMPLEXOS que este terapeuta seria OBJECTO na sua futura profissão.

Abordemos, então (como muitos outros autores), os “PEDIDOS INCÓMODOS” DIRIGIDOS ao terapeuta didáctico e as suas conexões que originam, vulnerabilidades e vicissitudes específicas, com certo grau de responsabilidade, dividindo-as, esquematicamente, em DUAS CATEGORIAS FUNDAMENTAIS:

1. As que respeitam o *contratransfert*.
2. As que se dirigem ao nosso narcisismo.

Há dificuldades em transmitir a essência desta profissão e, cada um, deve fazer a sua experiência pessoal, admitindo, contudo, que a VERDADE descoberta é só efémera. Estar-se apto a “aproveitar” os momentos de transformação e de mudanças, no tempo vivenciado em tais experiências, é UMA POSIÇÃO AFECTIVA que escapa a toda a educação e não se subordina a nenhum PODER.

Há, pois, a prática de uma profissão impossível, mas pretende-se, basicamente, transmitir os utensílios necessários a essa prática. A “situação” torna-se, assim, paradoxal e

incompatível – permitir a alguém praticar uma profissão impossível. Admitir que o nosso trabalho é complexo, testemunha certas clarividências, mas também “fantasmiza” certa onipotência que se poderia formular deste modo: “É necessário que eu seja tão bom para praticar tal profissão Impossível.” Tal fantasma tem, por vezes, como corolário, uma importante exigência ao longo das clássicas avaliações: desconfiamos encontrar o candidato ideal capaz de fazer face a todos os OBSTÁCULOS da/na nossa profissão; o modelo e o ideal dos nossos clientes não é o/um fim (no sentido da IDENTIFICAÇÃO) que se procura atingir nas grupanálises/psicanálises; o que se transmite é um dos “elementos” que intervêm na vulnerabilidade específica do didáctico/formador. Não estou a falar de ensino (propriamente dito), mas sim da transmissão que acompanha sempre uma grupanálise/psicanálise que evolui BEM.

Em 1986 (A. M. Sandler) escreve: “A análise de um candidato implica uma tomada de posse do essencial de atitudes e crenças do analista, assim como do seu quadro de referência analítica → ‘Quadro Terapêutico’. Não se trata de uma IMITAÇÃO mas DE UM PROCESSO de absorção, de integração, de interiorização.”

Com as nossas interpretações, o nosso modo de ser, de estar ← a nossa IDENTIDADE → transmitimos teoria e técnica e mais nos metemos adentro, “a nu” (M. Pines, E. L. Cortesão, 1988), em virtude dos nossos hábitos, gostos, mas também do MODO como pomos → disposição do candidato o quadro da grupanálise/psicanálise → quadro terapêutico. Tal é verdadeiro para TODO O CANDIDATO mas o candidato está, aí, mais atento, pois pretende exercer a mesma profissão...

Vamos DESVENDANDO e TRANSMITINDO a nossa teoria pela escolha do momento e pelo conteúdo das nossas intervenções/interpretações. A nossa personalidade vai também aparecendo com a aplicação personalizada das regras analíticas, da teoria da técnica, ainda da disposição dos locais, móveis, decorações, etc. são outros tantos índices dos nossos gostos e até dos nossos investimentos extra-analíticos; e a nossa atitude revelará a nossa disponibilidade interior, e a qualidade do nosso acolhimento pode ser mostrada pelo OLHAR, SORRISO, APERTO DE MÃO (dado ou esperado), VOZ (entoação), SILÊNCIOS (variantes), etc. Tudo isto é banal e analisável MAS, TUDO se complica quando tais variáveis são repetidas fora, pelos candidatos, discutidas e eleitas em verdades e PROVOCAM, muitas vezes, projecções e deformações. Tais veiculações dos candidatos, para FORA, podem, às vezes, tornar-se material de difícil análise (aqui, num exemplo paradigmático do que vos digo, ao falar hoje).

Com o contacto com outros terapeutas o candidato compara e interroga-se sobre certos hábitos e até “tiques” deles. Oferece-se assim um espelho deformante, e tentam imitar-nos, em alguns aspectos da nossa personalidade que preferíamos desconhecer. Isto, por vezes, salta aos olhos de todos, salvo de nós próprios, o que é, por vezes, quase trágico-cómico.

Considero COMO CONTRATRANSFERENCIAIS → todas as EMOÇÕES e REACÇÕES INCONSCIENTES do terapeuta em resposta ao seu candidato (individual, grupal), e ao TRANSFERT expresso por estas duas últimas unidades. Reacção a todas as manifestações verbalizadas (análise, grupanálise), postas em actos, projectadas pelos candidatos (individual, grupal) e o que o terapeuta representa como pessoa física, seu modo de estar e de

utilizar o Quadro Grupanalista → “Quadro Terapêutico”. Para simplificarmos há, primordialmente, DOIS TIPOS de *contratransfert*:

1. De BASE → São as reacções afectivas, vis a vis, da interacção grupanalista/psicanalista em geral. Estas, fantasmáticas e projectadas/introjectadas, são resolvidas sensatamente pela grupanálise/psicanálise pessoais e auto-análise; contudo, podem permanecer – conflitos e ansiedades – respeitantes às funções essenciais do terapeuta como, criador observador, intérprete e contentor das/nas produções psíquicas do candidato (individual, grupal).

2. REACTIVAS → Respostas a candidatos (seus momentos, suas fases) “particulares” ou a “MATERIAIS CARACTERÍSTICOS”. Aqui há o que o candidato (individual, grupal) projecta no terapeuta por identificações projectivas e que estes “apercebem” graças aos seus afectos e sensações corporais (reacção de contra-identificação projectiva – E. L. Cortesão); e há os afectos e sensações que são respostas próprias do terapeuta em função dos seus conflitos pessoais.

Tais reacções são perceptíveis através de actos falhados, lapsos, sonhos, interacções desadequadas, sensações corporais, afectos ou graças às próprias reacções do cliente (aquilo que Grinberg chama *contratransfert* do cliente).

A tomada de consciência, a compreensão e o ultrapassarem-se estas reacções contratransferenciais são indispensáveis à boa sequência das grupanálises/psicanálises, dando aos terapeutas utensílios complementares para a compreensão do material e do que se vai desenvolver na interacção grupal ou dupla.

O terapeuta deve ter muita coragem e perseverança para “conseguir” elucidar o seu *contratransfert* e FAZER um balanço do que lhe é próprio ou do que advém do candidato (individual, grupal); se não basta a auto-análise, o recurso a um colega é uma solução. Falar das nossas dificuldades (CASOS, GRUPOS DIFÍCEIS) é um MODO EFICAZ para se tomar consciência do que pode estar a impedir uma boa evolução grupanalítica/psicanalítica. Mas TAL não é tão “simples” na grupanálise/psicanálise de formação/didáctica, caso da deontologia, da ética – aqui mais sofisticada = MUNDO PEQUENO).

Falar a um colega da Comissão de Didáctica põe a este último, por vezes, dificuldades se, mais tarde, vai ser entrevistador – avaliar, portanto um candidato.

A “objectividade didáctica” pode ser alterada pelos detalhes íntimos, revelados pelo caso que lhe expusermos, por exemplo. O peso das INSTITUIÇÕES (sociedades, secções, institutos, etc.) pode sentir-se, ainda, noutros domínios. As pessoas que nos falam do candidato são, muitas vezes, conhecidas por nós: membros da Comissão Didáctica, colegas que tivemos em grupanálise/psicanálise, supervisão, etc., outros candidatos → e NÃO É FÁCIL PERMANECER NEUTRO (por exemplo, ouvir “coisas” de pessoas de que gostamos e apreciamos pouco ou avisos negativos respeitantes a terapeutas que admiramos). Mesmo conscientes de TUDO e PRUDENTES, podemos ser traídos pelo nosso INCONSCIENTE. Também é delicado manejar os comentários dos candidatos sobre o seu terapeuta. A percentagem de *tranches* que, portanto, se vão apresentar às Comissões Didácticas estão a aumentar em todos os países. É a reanálise com um terapeuta didáctico e esta mudança põe inúmeras questões – interferência nos processos de luto do primeiro terapeuta, ou seja, que haja TEMPO entre uma e outra.

A existência de terapeutas didáticos/formadores vem reforçar os FANTASMAS DAS (tristes) SAGAS FAMILIARES que existem nas sociedades, institutos, etc., com os pais idealizados e a fratria em que aparecem rivalidades e intrigas (então nas mais pequenas a colisão entre FANTASMA ↔ REALIDADE é maior). A conotação INCESTUOSA (por exemplo), por vezes, escapa-se-nos e há poucos módulos de as interpretar a tempo, provocando "vicissitudes" de percurso. Outras vezes, a colisão do candidato e o nosso julgamento "crítico", no que respeita ao primeiro terapeuta, pode originar em nós, PONTOS CEGOS.

TACTO e AMADURECIMENTO são, mais do que nunca, básicos, sempre e sempre; por exemplo: restos de *transfert* negativo.

A identificação nas grupanálises de formação, levantam questões e interpretações de vária natureza: pode haver mal-entendidos entre identificação profissional desejada e identificação patológica. Ora, a identificação é um dos problemas transferenciais mais difíceis de resolver (exemplo: identificar-se com o seu terapeuta, mas, como também é paciente, e assim por diante – o terapeuta também o foi – assim se põem complicações e confusões, as chamadas "conotações fantasmáticas", de Grinberg).

Para desenvolver uma identidade, o candidato deve procurar libertar-se, de um modo relativo, da identificação com o terapeuta formador, como objecto. Deve estabelecer IDENTIFICAÇÕES DURÁVEIS, não com o terapeuta como objecto de *transfert*, MAS COM A SUA FUNÇÃO. O terapeuta deve aceitar ser "despojado" da sua parte pessoal neste progresso para que o candidato integre nele, não uma imagem de identificação mais ou menos idealizada mas, sim, repito, uma função. Não é tarefa fácil, dado o candidato jogar com as resistências do terapeuta neste ponto sofisticadamente sensível.

Existem MOMENTOS particularmente FAVORÁVEIS aos estímulos contratransferenciais para a sequência da sua formação (casos em supervisão, cursos teóricos), por isso, é defendido por muitos, as chamadas entrevistas de "avaliação" por membros da Comissão Didáctica com outros terapeutas que não o seu, obviamente.

O terapeuta, ao sentir-se assim julgado no seu trabalho, sente o desejo de ver o seu "filho" TRIUNFAR (a onipotente esperança de que a grupanálise/psicanálise tenha curado o seu candidato); acordada a esperança receia, então, a opinião dos colegas a propósito dos seus investimentos libidinais e narcísicos na grupanálise/psicanálise como profissão e do trabalho como formador. A maioria das vezes, o candidato, nas entrevistas com a Comissão Didáctica, "julga" os seus membros e o modo do seu funcionamento. Emite até críticas e opiniões que podem não estar no pré-consciente do seu terapeuta didático/formador.

Quando um candidato se vai apresentar à Comissão de Didáctica (momento julgado oportuno) os "nossos pensamentos" acompanham-no nos seus passos. Se tal movimento nos parece desadequado ou prematuro, como na maioria das vezes, não é possível analisar (não nos metermos no caminho, etc.; e, então, os terapeutas podem ter MOMENTOS DE ANGÚSTIA, DEVENDO, CONTUDO, CONFIAR na Comissão Didáctica. Podem avisar esta de tal, mas põem-se problemas transferenciais de confiança e reacções contratransferenciais de culpabilidade.

As decisões da Comissão Didáctica são, para o candidato, acontecimentos exteriores à grupanálise/psicanálise que, contudo, deveremos manejar do mesmo modo, como com o que sucede na vida corrente; às vezes, tal é inexacto, dado o candidato responsabilizar-

-nos pelo seu inêxito eventual e fantasmaticarmos-nos solidários com os colegas, ou pior ainda. A neutralidade deve ser posta à prova, se estamos em desacordo com a Comissão Didáctica (exemplo: maturidade, ética, etc.). Na grupanalise/psicanálise o êxito profissional tem um significado denso. Terapeutas ↔ candidatos têm uma finalidade comum – a da formação. Pode ser pesado para os dois e até entravar a grupanalise/psicanálise profunda das “motivações profissionais”.

A formação desenvolve nos candidatos a sua sensibilidade à vida psíquica dos outros, aumenta a capacidade de empatia e o contacto com o ID (e não nos esqueçamos que o candidato tenta capacitar-se em entender os “movimentos inconscientes” do seu terapeuta; vê-se em candidatos com personalidades com núcleos psicóticos prevalentes – os mais sensíveis e atentos aos HUMORES do terapeuta. Quando nos encontramos nas inevitáveis vicissitudes da vida (LUTOS, DOENÇAS, MOMENTOS DIFÍCEIS, etc.), os candidatos, alguns, entendem-no, intuem-no e, se o ouvirem na Sociedade ou no Instituto, torna-se tudo mais delicado no que concerne ao DESEJO DE RESTABELECER A VERDADE.

Passemos agora ao ponto 2: Os pedidos densos dos candidatos que solicitam o narcisismo do terapeuta são muitos e complexos, de parte a parte.

Há paradoxos importantes, por exemplo, terapeutas com personalidades frequentes de narcisismos frágeis (este tema foi desenvolvido no Estoril, em 1978, por Alice Miller): “A sensibilidade do terapeuta para os sinais inconscientes das necessidades dos outros, derivam de uma relação com a MÃE ou um PARENTE cujo equilíbrio narcísico defendia, de um certo modo de ser, da criança. Este(a) desenvolve intensa capacidade em satisfazer intuitivamente esta necessidade da sua mãe e assegurar, assim, o AMOR, isto é, o investimento narcísico dos pais, Sente tal como útil, seguro, ao seu existir; mas é no desenvolvimento e aperfeiçoamento deste *sensorium* particular que ajudará a criança a sobreviver e permite ao adulto exercer o nosso estranho *métier* que se vai enraizando”; portanto, o defeito narcísico, como alguns autores chamam. Tal vulnerabilidade do terapeuta põe-se enquanto grupanalise/psicanálise didáctica? Não escapa à REGRA e é oportuno interrogar e questionar quais as motivações profundas para querer ser didáctico. É um desejo legítimo de filiação, de perpetuar a personalidade pela sua transmissão; mas não negligenciemos, pelo lado valorizante, a função de formador numa profissão em que as satisfações narcísicas devem permanecer discretas. Ser-se didáctico, certamente ou não, confere uma aura e satisfaz o desejo de reencontrar a perfeição narcísica perdida na infância e de se reaproximar de uma imagem idealizada do pai da psicanálise ou grupanalise, etc....

O ideal onipotente que os candidatos projectam em nós é mais tenaz nas grupanales/psicanales didácticas pois os candidatos “vão-se defender” dado que, aparentemente ou não, não se mobilizam tanto os próprios fantasmas megalomaniacos e das superestruturas como reacção à admiração infantil do candidato (complexo e controverso) e as instituições (com as suas hierarquias) mais veiculam o que dissemos atrás.

O grupanalista/psicanalista didáctico deve estar atento em favorecer a DESIDEALIZAÇÃO necessária para que o candidato encontre a sua própria identidade (isto ocorre mais nos primeiros tempos – primeiras fases → mais perigos, portanto).

Os inêxitos reencontrados nas grupanalises/psicanálises didácticas INCITAM à modéstia e devem desempenhar um papel regulador).

Em 1976 (J. Smirgel dizia: "O que escolhe o 'métier analítico' vivencia um prazer particular 'na fragmentação do ID', um prazer narcísico que resulta do mergulho efectuado no seio desta dimensão do psíquico que é o do ilimitado, do intemporal e da onipotência."

O FANTASMA de o candidato fazer do seu terapeuta o pai idealizado que não teve, entra em consonância com o FANTASMA do terapeuta que quer fazer do seu candidato o filho idealizado que não teve. A idealização é recíproca e os riscos de colisão frequentes. O terapeuta deve apagar-se, deixar o candidato seguir o seu próprio crescimento (tempo, espaço) o que exige HUMILDADE.

Grupanalizar/psicanalisar implica capacidade de tolerar (C. Filipe) o desconhecido, portanto devemos: suportar, esperar, não compreender, não apreender tudo e explicá-lo no sentido de suster.

Há, infelizmente, casos de terapeutas que pensam que sabem tudo e que também pensam que vão transmitir tudo integralmente.

O facto de um candidato ter sido aceite em formação (aspirações, etc.) cauciona o seu projecto narcísico (paralelismo com o do seu terapeuta). Assim, o sofrimento pessoal, a FALHA NARCÍSICA, arriscam-se a ser mascaradas no pedido profissional e favorecem as grupanalises/psicanálises em FALSO – SELF.

Pode, além do mais, fazer alarde e utilizar "um jogo psicológico" – como mecanismo de defesa – que necessita de indicação mas, acima de tudo, de TACTO.

A grupanalise didáctica formadora faz parte, para o candidato, de um caminho profissional com numerosas CARGAS materiais e reais.

O investimento em afecto, em dinheiro e em tempo é muito extenso, longo (parte da sua vida); o futuro e o que o envolve socioambientalmente vão custar muito e ser até quase computadorizados – por exemplo: "É preciso recuperar os vários investimentos feitos, os pesados sacrifícios sofridos, etc."

Por isso não põe de parte o desejo de êxito e, conseqüentemente, o seu "avaliado", como já o disse, pelas Comissões Didácticas, para não PARAR o seu percurso.

Por isso, o início da supervisão é, muitas vezes, um MOMENTO IMPORTANTE e NOVO (por exemplo: o candidato pode vir a tentar rivalizar profissionalmente com o seu terapeuta. É por vezes difícil ser-se terapeuta e, simultaneamente ainda, estar-se sujeito a uma grupanalise/psicanálise pessoal. Ele vai encontrar ESTILOS diferentes (triangulação) entre os do seu terapeuta, supervisor e ensinantes – pode, até, vivenciar receios de infidelidade, de traição ao seu terapeuta, quando é sujeito às entrevistas de avaliação e, por exemplo, não é aceite (revelação de detalhes íntimos da sua grupanalise/psicanálise que o tornam culpabilizante e culpabilizado – voyeurismos). E o avaliador pode ser sentido então como um intruso. O embate com outros terapeutas põe em paralelismo pensamentos teóricos, estilos de funcionamentos, e vai estimular, portanto COMPARAÇÕES (construtivas mas, por vezes, difíceis de manejar pelo candidato e pelo próprio terapeuta). O próprio encontro com o seu terapeuta nos seminários (fora do quadro terapêutico) originam, frequentemente, imagens transferenciais e aumentam as suas resistências. Como se vê, todos estes vários e diferentes quadros podem levantar problemas complexos e de difícil MANEJO a todos os participantes nesta cena quase religiosa.

Assim, como poderemos reunir-nos contra o uso e as pressões, mantendo-nos empáticos, disponíveis e eficazes? É uma questão complexa.

O equilíbrio psíquico obriga-nos a uma subtil dosagem, em cada um de nós, de tempo de trabalho e de tempos livres em investimentos extra-grupanalíticos/psicanalíticos.

À medida que a IDADE nos trás um cortejo de vários aborrecimentos e aumenta, seriamente, os nossos encargos e responsabilidades profissionais, arriscamo-nos a encontrarmo-nos, sem o realizar, num ciclo vicioso de excesso de trabalho, fadiga que pode conduzir a descompensações depressivas, por exemplo (C. Filipe).

O NOSSO POTENCIAL PULSIONAL sofre, como com todas as pessoas, variantes quantitativas, PONDO a FORÇA DO EU à prova. No grupanalista/psicanalista didáctico, aos pedidos pesados que lhe são dirigidos ao NARCISISMO e ao (PESO) do CONTRA-TRANSFERT, somam-se as vicissitudes da vida. O que permanece MESTRE INCONTESTÁVEL é o INCONSCIENTE do candidato e do terapeuta – o que, afinal, tentamos transmitir às novas gerações de grupanalistas/psicanalistas.

PARTE II

O terapeuta deve privilegiar, ao máximo, a grupanalise dos candidatos, pesem ou sejam quais forem as pressões sociais e pedagógicas que haja. A situação da formação aumenta, por exemplo, substancialmente, os PROBLEMAS DE ORDEM NARCÍSICA.

Deve evoluir numa atmosfera mais ou menos neutra e fechada de um instituto, por exemplo, tolerar comparações, muitas vezes insidiosas, com os seus pares, aceitar críticas que daí advêm (candidato) e analisá-las, renunciar aos seus candidatos no momento oportuno, abster-se de tirar partido das necessidades ligadas ao fenómeno da não resolução do *transfert*, abster-se de preservar na ideia que são necessários "PRODUTOS IRRECUSÁVEIS" e não rivalizar com os outros terapeutas usando, como meio, os próprios clientes, etc.

Deve sentir-se suficientemente independente para ter coragem de expressar desacordos, mesmo que sejam contra todos. O terapeuta didáctico, e não só, é submetido a intensas pressões, mais que o terapeuta não didáctico, pois torna-o mais dependente dos seus clientes.

As alianças e as colisões INCONSCIENTES entre o terapeuta didáctico e a parte onnipotente do seu candidato são muito frequentes e escondem-se, a maioria das vezes, atrás de máscaras várias que parecem reais relativamente ao candidato. Abordemos, esquematicamente, as PRESSÕES do terapeuta didáctico:

1. SUBMETIDO ao NÍVEL da sua ATITUDE DE NEUTRALIDADE: O PROGRESSO OU A SUA AUSÊNCIA PODEM SER UTILIZADOS NA CURA COMO *acting-outs*; só e só os poderemos analisar para não entravarmos o processo grupanalítico/psicanalítico; é bastante perigoso as intrusões na grupanalise/psicanalise didáctica pois visam satisfazer o narcisismo do terapeuta, utilizando o TRANSFERT e O SENTIMENTO DE OMNIPOTÊNCIA que provêm de uma identificação recíproca para, assim, CRIAR LAÇOS PERMANENTES

(C. Filipe). É bastante tentador satisfazer os nossos próprios DESEJOS e os dos nossos candidatos, evitando fazer face às nossas ANGÚSTIAS RECÍPROCAS, sabotando os LUTOS (processo) que sempre devem seguir o período do fim da grupanálise/psicanálise, instalando-se, de imediato, laços pessoais e íntimos, desde que a grupanálise/psicanálise finaliza. Apontemos alguns OBSTÁCULOS (mais importantes) à neutralidade:

- a) Procriar, impulsivamente, filhos analíticos.
- b) Procurar PODER.
- c) Receio de enfrentar as Comissões Didáticas.
- d) Contra identificação com o candidato como defesa contra o *transfert*.
- e) Optimismo injustificado quanto às capacidades evolutivas dos seus candidatos.
- f) Tentativa onnipotente de enviar clientes aos seus candidatos.
- g) Recomendar supervisores específicos aos seus candidatos.
- h) Receio do candidato como herdeiro e rival.
- i) Posições inamovíveis, rígidas, inflexíveis, nas sociedades, institutos, etc., impedindo todas as possibilidades de mudança e sucessão.
- j) Reticência em afastar-se.
- k) Pseudo-lealdade para com os seus pares.
- l) Manter terapeutas didáticos incompetentes com os riscos de ossificação e morte científica que acarreta.
- m) Aproveitamento de candidatos não conformistas.

2. PAPEL DAS REALIDADES INSTITUCIONAIS: apreciar bem e analisar bem a tendência existente nos nossos candidatos e em nós, utilizando, para tal, as realidades institucionais como modos de DEFESA ao serviço da denegação e deslocamento CONTRA as manifestações transferenciais/contratransferenciais. Reconhecer o bom e importante fundamento de certas críticas, continuando sempre a grupanalisar/psicanalisar funções defensivas que podem preencher os nossos candidatos. Se a sociedade/instituto está submetida a pressões vindas do exterior, o terapeuta didático, com a sua integridade pode ser submetido à tentação de entrar em conflito com a instituição e/ou os candidatos a propósito da admissão de candidatos ou de clientes inaptos, só com a finalidade que a instituição sobreviva. Ou o terapeuta didático, por exemplo, barra o caminho ao candidato, ou causa mal-estar à instituição. O terapeuta didático tem necessidade de um meio institucional sólido para poder salvaguardar a sua integridade. A burocracia institucional pode alimentar as PAIXÕES e as TENDÊNCIAS NARCÍSICAS de todas as partes concorrentes. O terapeuta didático tem necessidade de ser sustido na POSIÇÃO SOLIDÁRIA que, contudo, é a SUA.

3. Problemas na ANÁLISE DA AGRESSIVIDADE: os terapeutas didáticos podem vencer REGRESSÕES. Têm assim, por vezes, intensos conflitos ambivalentes entre o DESEJO de êxito e de inêxito, tendo em conta o facto que o candidato tem, seguramente, intenção de se tomar também grupanalista o que pode ser sentido como o ser DESTITUÍDO. O êxito dos nossos candidatos garante-nos a mortalidade, do mesmo modo que "assina" a nossa para-

gem de morte. Também há os que se expõem, defensivamente, com receios de colisões, tentando por completo desconhecer a rivalidade VIDA ↔ MORTE? MÓDULOS CONTRA-TRANSFERENCIAIS; visam destruir os "novos recrutas" e tudo pode esconder-se atrás de fenómenos de idealização da grupanálise e a impossibilidade de manter uma distância apropriada, uma vez finda a grupanálise. Pode o candidato ser vivenciado pelo terapeuta como alguém desconhecido e ameaçador que, supomos, querer saber de mais para "inverter" a ordem estabelecida?

Isto → a IDENTIFICAÇÕES INCONSCIENTES ao terapeuta didáctico ou ainda imitações que estão ao serviço da defesa *versus* agressividade e formam-se, então, "grupos" que usurpam o nome de escolas de pensamento analítico (C. Filipe).

Tiro três conclusões:

1. Uma das funções do terapeuta e do candidato é o interiorizar, é o trabalho de perlaboração do *contratransfert*, que permite, assim, adquirir a liberdade de ser diferente do terapeuta. A principal qualidade, neste contexto, do terapeuta didáctico, reside na sua honestidade. Os candidatos estão melhor colocados que ninguém para a pôr à prova (mais tarde ou mais cedo), encontrar os nossos limites, pressões, lapsos e deformações à técnica, comparando o nosso trabalho com o dos nossos colegas, supervisores, enfim, o conjunto da literatura grupanalítica/psicanalítica. Este pôr à prova é o momento de verdade de toda a grupanálise/psicanálise de formação.

2. São básicas a experiência e o envolvimento pessoal, necessários à aquisição de um saber específico e integrado. Se assim não for, aparecerá, mais cedo ou mais tarde, uma deterioração da qualidade da formação e, eventualmente, uma diluição da análise (em sentido estrito e não só) que passará a ser só uma mera palavra, causada, muitas vezes, por pressões, conflitos, jogos perversos, intrigas, etc. Intuição grupanalítica/psicanalítica para uma melhor compreensão da realidade interna e externa e reorganizar a nossa formação sem se perder a identidade, qualidade e finalidades longínquas. É básico estabelecer uma relação da teoria com a sua própria experiência, advindo assim: ensino, aprendizagem e comunicação. Os conceitos, os pontos de vista e os procedimentos – na linha teórica e clínica – devem, repito, ser bem internalizados e assimilados para que se possa utilizá-los de modo adequado no nosso trabalho, assim como para compreender outros.

3. Deve fomentar-se neste CONTEXTO a interacção com os nossos clientes, conosco próprios e, sobretudo, com os nossos colegas. Tal ajuda-nos a suportar melhor as pressões, os nossos próprios conflitos internos (separações, lutos, desconfianças dos outros e de nós mesmos), em virtude de não se atingirem nunca FINS IDEAIS. E isto é muito importante dado o nosso trabalho ser pouco visível e dar lugar a um tipo particular de frustração inerente ao trabalho do terapeuta didáctico/formador, daí a sua vulnerabilidade.

A grupanálise requer longa experiência clínica, senso, tendência a determinados factores específicos para uma investigação peculiar e, acima de tudo, exige CONHECER-SE BEM os limites, o terreno, a técnica, a teoria e a evolução da grupanálise ou, como dizia Harold Kay, CONHECER BEM O PROJECTO.

Apesar dos receios que ouço (desde os mais ténues aos mais radicais) de uma diluição ou até desaparecimento (ser englobada) da grupanálise, PENSO O SEGUINTE:

1. Por um lado, é necessário trabalhar-se mais na teoria, técnica e clínica.
2. Por outro lado, o ser-se invadido pela descrença, angústia, depressão ou *nuances* paranóides (que está já tudo feito, que o que existe é pouco ou mau) parece-me enfermar ou englobar um sentimento destrutivo pouco científico e pouco crítico.
3. Tem de possuir-se uma CONVICÇÃO muito densa, muito investida objectalmente no sentido, não patogénica; acreditar-se (pesem os momentos frustrantes e difíceis interiores e exteriores) que se é grupanalista – é-se mesmo – sejam quais forem as intempéries e os desertos que aparecem (sempre) no longo e árduo percurso/projecto de uma terapêutica científica (é propositado o termo) que tem só cerca de cinquenta anos de existência entre nós e cerca de sessenta (não chega) mundialmente.

Como síntese dos pontos básicos, considerados por mim e outros, em psicanálise, eu condensá-los-ia no contexto estrutural que se segue:

- a) A grupanálise tem um corpo teórico, uma técnica específica, que deve continuar a ser desenvolvido e elaborado.
- b) É um processo lento de elaboração interna e de funcionamento psíquico próprio, ligado à elaboração de vários lutos – tipo anaclítico, como afirmei em 1980.
- c) Há evoluções individuais e totais de um grupo (como em tudo) com “reexperimentações” revividas na matriz grupal.
- d) Identidade, funcionamento psíquico e elaboração são um dos três eixos básicos, além da óbvia grupanálise pessoal, formação técnica e clínica, além de qualidades específicas individuais.
- e) A nossa identidade implica sempre uma consciência dos LIMITES do nosso espaço e que não entendamos tal sentimento de identidade para além deles.
- f) A maioria das vezes tem-se uma tarefa ao mesmo tempo acabada ou inacabada; a maioria das vezes é e fica inacabada e tal tem de ser admitido, interiorizado e elaborado. Por vezes, TAL tarefa sustém-se e, mais tarde, continuará com outro – nunca o mesmo, na minha óptica. É talvez mais um processo de investigação que, “secundariamente”, passa por terapêutico e, repito, em que a convicção é básica, assim como o princípio da receptividade.
- g) A grupanálise pessoal, a autogrupanálise que lhe sucederá, o estudo global e o trabalho psicanalítico são sempre “esforços” permanentes, contínuos, com momentos e inspirações diversificados e, aqui, descontínuos.
- h) A vontade de mudar de “MODELOS CONCEPTUAIS” faz também parte do grupanalista. Entender pontos de vista semelhantes, sim, mas não, aceitar cegamente um novo, só por ele ser novo e diferente. É necessário estar atento às contradições, às incertezas e DECIDIR após um BALANÇO, a orientação do nosso pensamento.
- i) O grupanalista deve ter uma boa impregnação do seu carácter, possuir uma integridade da sua personalidade, saber científico e técnico, Visão interna de si próprio, um MODELO que aceita e vai transmitir aos que estão com ele anos seguidos e que, se estes o entenderem e conste dos seus projectos, mude a sua visão interior – exterior OBJECTAL.

j) A grupanálise pessoal, a autogrupanálise que sempre lhe sucederá, o estudo e o trabalho elaborativo, são sempre “esforços” permanentes, contínuos, com momentos e com inspirações/intuições diversificados. Visão interna de si próprio, MODELO que aceita e transmite aos que estão com ele anos seguidos e, se estes o entenderem e conste dos seus projectos, mudem a possível visão interior/exterior de si próprios. Visão em estar atento a toda a intrusão maléfica, vinda da sua personalidade.

k) Parecendo paradoxal, o trabalho do grupanalista é essencialmente individual e individualista. Dos seus efeitos terapêuticos – ou mutativos – resulta a tomada de consciência de relações implícitas objectais (e não só) e das suas produções intrínsecas.

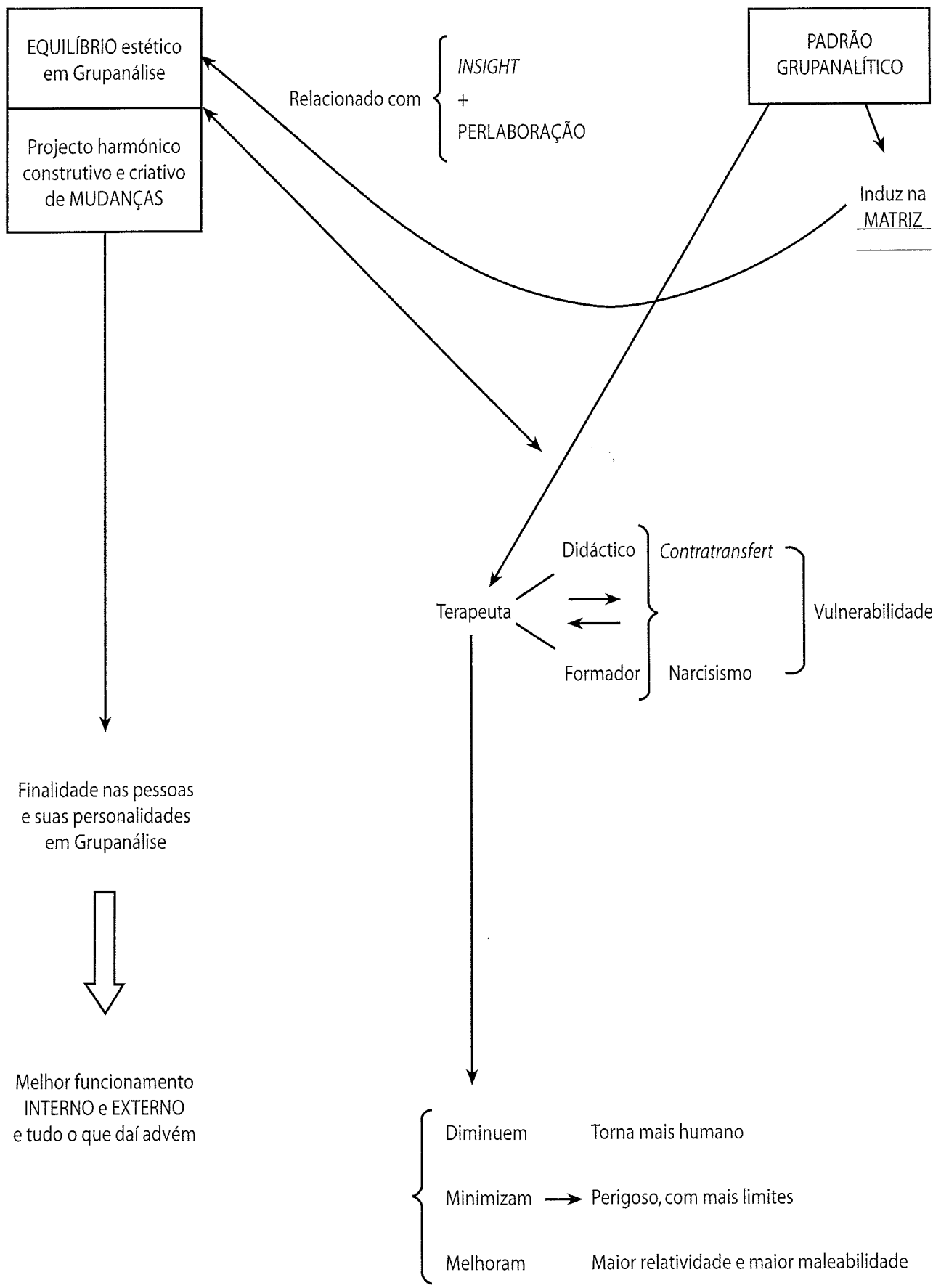
l) A experiência psicanalítica/grupanalítica tem uma actividade criativa, contém certos reencontros ou ligações banais excepcionais e é um dos poucos processos de aprofundamento e de elucidação de si próprio, de libertação, de acesso a outrem e, acima de tudo, de pôr em causa ídolos e ideologias.

m) E a finalidade da grupanálise será a de reencontrar um projecto harmónico construtivo e criativo de mudanças na sua globalidade.

EPÍLOGO

Radicalismos ortodoxos – defendidos por alguns – têm, forçosamente, de ser “temperados” com flexibilidade, bom senso, teoria e técnica científica, verdade, empatia, maleabilidade – dentro de certos limites limitativos – “cada um de nós vale o que vale” para com diferentes investimentos, se ser grupanalista/psicanalista, pesem as inúmeras vicissitudes de percurso, agradáveis ou desagradáveis, que sempre nos acompanham. São importantes “optimismos”, com certa dose de realidade na linha do instinto tanático, elaborados no silêncio, de vai-vem, do tal espaço e do tal tempo do(s) EGA (de que venho falando há anos) vivencial e até mesmo existencial. Oponho, metaforicamente a maldição (no contexto de ódio, ciúme, morte) ao bonito, humano, estético, harmónico criativo de mudanças de projecto.

Tudo isto me tem ajudado parcelarmente a vencer alguns escolhos e frustrações psicanalíticas, grupanalíticas e, até mesmo, vitais – existenciais. Estou, assim, em 2004, colocado num PONTO diferente de há cerca de 38 anos – quando iniciei o meu primeiro grupo de psicoterapia, uma vez por semana (no Hospital de Santa Maria – Consulta Externa); num PONTO mais limitativo, mais dinamizante, mais elaborante e mais harmónico, mas bastante mais silencioso; mas para sentir que a realidade existe e é sempre mutante, constatado, que já estamos no Outono ou melhor no seu ciclo, com uma estética que lhe é própria e diferente, certamente, para cada um de nós: aqui presentes.



RESUMÉ

On fait une étude relationnelle et comparative entre le contre-transfert et le narcissisme avec le processus groupanalytique, avec les patients et les autres thérapeutes. On parlera ensuite de certains segments axiaux de la groupanalyse et l'on présente un cadre de l'équilibre pour le projet harmonique constructif de changement (E. C. Filipe).

MOTS-CLÉS

Contre transfert, narcissisme, modèle, projet harmonique constructif et créatif de changement.

SUMMARY

We report on a relational and comparative study between counter-transfer and narcissism within a group analytic process including both patients and other therapists. We then cover some axial segments of group analysis before presenting a constructive balance framework for a harmonious and creative project of change (E. C. Filipe).

KEYWORDS

Counter-transfer, narcissism, pattern, harmonious and creative project of change.

BIBLIOGRAFIA

CICCONE, A. (2000), *Observação Clínica*, Edições Climepsi.

CORTESÃO, E. L. (1989), *Grupanálise. Teoria e Técnica*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

FILIFE, E. C. (2000), *Reflexões Pontuais Sobre Psicanálise, Grupanálise e Música*, Ed. do autor.